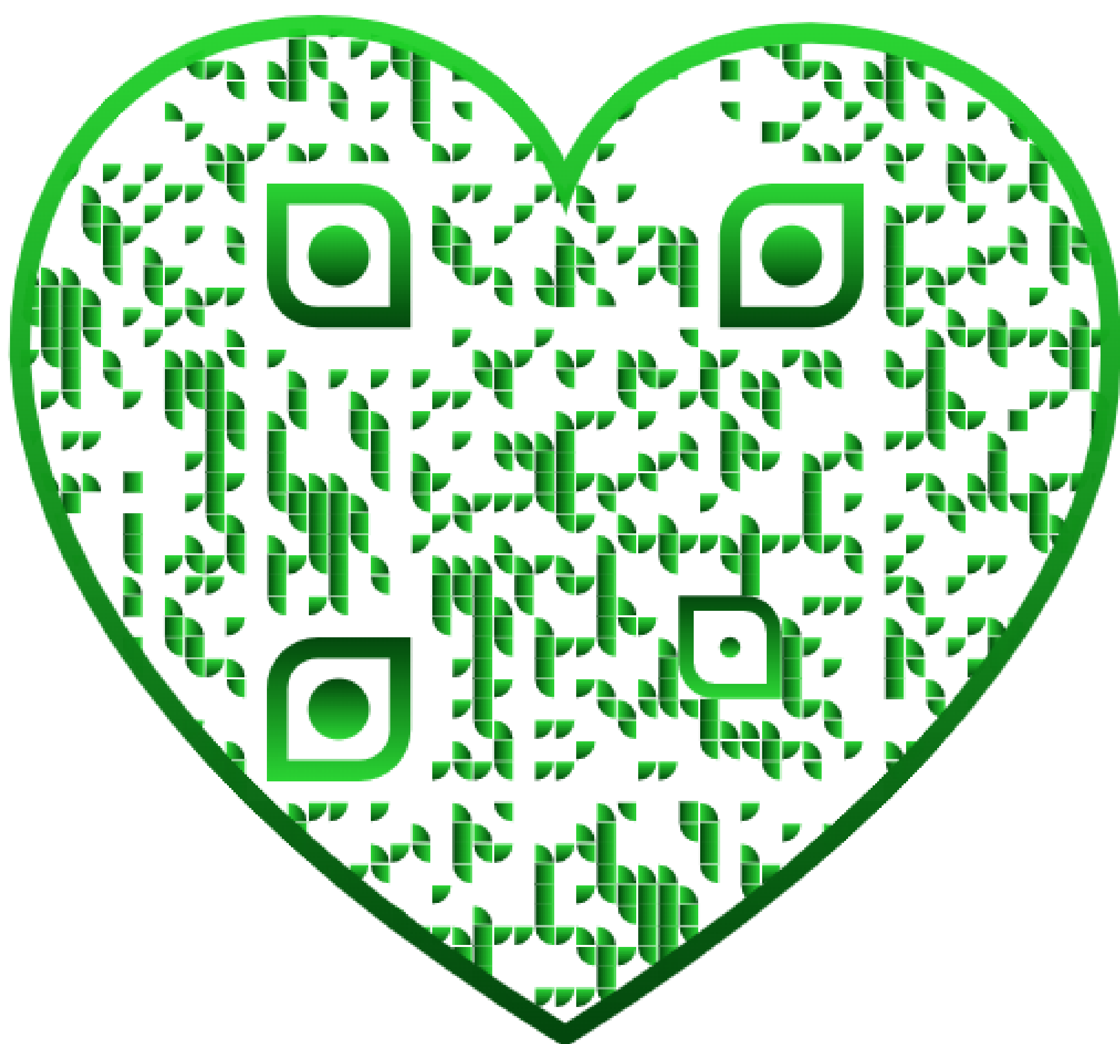
OS PESADELOS DE SOPHIA

LAVYNIA CHEYENE





Copyright ©2018 by Lavynia Cheyene

Todos os direitos reservados.
Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Capa: ALINE GOETTEMS

Diagramação: ALINE GOETTEMS

Revisão: ALINE GOETTEMS

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

CHEYENE/Lavynia

Os Pesadelos De Sophia / Lavynia Cheyene — 2018.

1.Literatura Brasileira. 2. Conto I. Título

CDD:869.93.

Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa (1990), em vigor desde 1º de Janeiro de 2009.

Lavynia Cheyene

Os Pesadelos De Sophia

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI



Primeira noite – 01h00min

Ela havia se deitado, e ao fechar os olhos se tornava mais doce do que já era. O sono pesou e suas pálpebras se fecharam, o sorriso se desfez. E em sua face, a expressão de terror surgiu. Suas mãos suavam e começaram a tremer, ela não tinha controle de seu corpo e nem de sua mente. Sophia estava tendo um pesadelo!

No sonho, o vestido estava manchado de sangue, Sophia se esforçava para entender o por quê.

Aquele líquido vermelho estava espalhado por todos os lados e ela se via em cima de um emaranhado de corpos mutilados, tripas espalhadas e partes de órgãos. Moscas voavam e ela sentia picadas, seu corpo começou a ficar com pequenas bolhas vermelhas e uma agonia cresceu em seu peito. Baratas saiam pelos buracos abertos nos corpos, vermes eram vistos e o cheiro se tornava cada vez mais insuportável de sentir.

O cheiro da morte, de corpos apodrecendo, cheiro de fezes e urina. Tudo se

misturava e fazia com que seu estômago embrulhasse. Ela queria sair dali, ela queria poder gritar por socorro, mas nenhum som que saía de sua boca podia ser ouvido. As tentativas foram em vão. Ela então foi pisando em cima dos corpos, a cada pisada um pedaço do corpo era esmagado ou saia do mesmo. Sophia sentia nojo, queria logo chegar ao chão. Em meio aos seus pensamentos ela tropeçou e escorregou por aquele monte de gente mutilada, seu rosto foi parar no buraco que havia na cintura de um desses corpos, ao se levantar sentiu que tinha carne podre em seu nariz, tentou de tudo para tirar aquilo dali e quando finalmente conseguiu, tropeçou mais uma vez, caindo perto de um rosto que tinha os olhos arrancados e do orifício saía vespas. O desespero para se levantar foi tanto que ela mal percebeu quando chegou ao chão. Ela não acreditava no que estava vendo.

Pouco depois ela ouviu várias vozes que lhe causavam arrepios, eram vozes de gente conhecida, voz da sua mãe, da sua melhor amiga, de seu namorado e de muitas outras pessoas que faziam parte de sua vida.

“Sophia, que bom que está viva querida”. A voz havia saído falha e aguda, o que fez os ouvidos de Sophia doerem. Mas, Sophia procurou por ela, ela queria saber de onde vinha à voz de sua mãe.

“Não se preocupe com quem já está morto”. Mais uma delas foi ouvida. Dessa vez foi Yago falando e seus olhos não paravam de percorrer todo aquele lugar.

“Você apenas será mais uma no meio de todos eles!” Escutou Ravenna gritando.

“Mas não agora querida! Não agora.” E por último, escutou a voz de seu pai. Sophia estava apavorada, ao final das frases ouvia gargalhadas, gritos e cantos macabros. Ela pensou que estava ficando louca, que estava alucinando, era tudo muito real para ser algo fictício. Ela não parou de andar e enfim chegou ao chão. Pensou que tinha sido algo bom, até sentir suas pernas sendo puxadas por mãos. Mãos cheias de calos e enrugadas, tão ásperas que chegavam lhe machucar a cada aperto.

As unhas cravavam em sua pele e chegavam até na sua carne fazendo com que escorresse sangue por toda sua canela. Pavor, dor e sufoco era o que ela estava sentindo.

Ela então olhou e viu sua mãe da pior maneira possível.

"Não!" gritou em desespero. O rosto de sua mãe estava desfigurado pela metade, havia cortes na cabeça e nos braços, uma orelha havia sido arrancada

e os olhos pareciam querer pular para fora. O corpo estava pela metade, as tripas estavam à mostra. Como aquilo havia acontecido?
Sophia então gritou novamente: “Mamãe não!”.
Lagrimas escorreram por seu rosto e se misturaram com o sangue seco que havia em suas bochechas. Seus pulmões estavam falhando e a exaustão era clara. Ela não parava de gritar, o horror estava por todo seu corpo. Ela se debatia e se arranhava, suas bolhas estouravam por conta de sua agressão, a dor lhe dominava, mas ela não ligava. Apenas queria acordar e ver sua mãe bem. Queria se desvencilhar daquela mão que ainda lhe segurava.
“Me solta!” gritou mais uma vez.
"Me solta, por favor!" implorou.
"O que está acontecendo Deus?" questionou.
"Sophia acorda!" falou para si mesma.
"Acorda sua idiota!" gritou de raiva.
Fechou os olhos e respirou, quando os abriu novamente se viu em um local diferente do que estava antes. Agora ela se encontrava em um rio. A água estava congelante, no céu não havia lua e nem estrelas, não havia som de absolutamente nada e o pânico começou a tomar conta de Sophia, seus machucados ardiam por conta da água, mas ela já estava se acostumando com a dor. Ela tinha medo daquele escuro, medo de ter suas pernas seguradas novamente. A sua intuição dizia que algo ruim aconteceria, o vento lhe causava arrepios e o silêncio ao invés de lhe trazer paz, lhe dava mais agonia.
Caminhou até as margens do rio, querendo sair logo dali e se esquentar. Queria achar um abrigo temporário, apenas para passar a noite e ao amanhecer correr para o mais longe possível daquele lugar. Seu vestido branco ainda tinha manchas de sangue, mas a água havia limpado boa parte daquele líquido gosmento. Seus dedos e unhas estavam sujos de terra, seu cabelo loiro tinha a aparência de um ninho de passarinhos e em seu rosto havia vários arranhões, além dos outros que estavam por todo seu corpo.
“Olá? Alguém por aqui?” ela gritou na esperança de que alguém além dela estivesse naquele local.
“Alguém?” gritou mais uma vez.
“Socorro!” na terceira tentativa ela percebeu que realmente não havia ninguém além de si mesma na floresta. Mas mudou de pensamento quando viu uma sombra perto das árvores, a sombra lhe parecia familiar e dela surgia um som; um pedido de socorro.

Sophia imaginou ser sua mãe, mas quando coçou seus olhos e direcionou seu olhar novamente para aquela sombra, viu que aquele ser tinha a boca costurada, braços grandes e unhas pontiagudas. A sombra novamente tomou a forma de sua mãe e Shopia sentiu que se fosse até ela, estaria protegida.
"Filha venha" a sombra falou. Sophia procurou por ela, mas não encontrava em lugar nenhum.
“Aqui Sophia” ela chamou por Sophia novamente. Sophia sem pensar duas vezes correu atrás da sombra pensando que fosse Bianca, mas quanto mais perto Sophia chegava, para mais longe a sombra ia.
“Venha me pegar Sophia, vamos relembrar os velhos tempos”.
A sombra apareceu novamente e Sophia continuou correndo atrás. Ela havia ficado com tanto medo que nem sabia mais o por que estava correndo. E no final aquela corrida se tornou infinita, ela não sabia como e nem quando parar. Só queria chegar até sua mãe e estar protegida. Sophia se sentia exausta, bufava e estava com muita sede, mas ainda assim forçava seu corpo a se manter de pé.
“Sophia” ela olhou na direção em que a voz tinha saído e só conseguiu escutar um som.
Som de um tiro saindo de uma arma. A dor tomou conta de seu corpo. E quando olhou para suas mãos, percebeu que ela mesma havia feito o disparo. Ela estava tremendo e não sabia porque tinha feito aquilo. Chorou e se lamentou.
"Por quê?" se perguntou.
"Como isso aconteceu?" ela não queria acreditar.
"Alguém me ajuda!" pediu por socorro.
Uma confusão foi causada em sua mente. Ela queria respostas, queria poder entender e saber como resolver tudo aquilo.
Ela só queria acordar.
O disparo havia sido contra sua própria mãe, que agora se encontrava caída ao chão, com sua boca e olhos abertos. Ela lembrou que tinha visto sua mãe mutilada, mas na verdade, tudo não passava de fantasias criadas por sua mente.